



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaivato

Quinzenário • 6 de Outubro de 2012 • Ano LXIX • N.º 1789 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

SÃO muitos os problemas que afligem as famílias no tempo presente. Aflições, muitas delas, que partilhamos moralmente e que procuramos atenuar materialmente.

Em muitos desses casos vemos que a acção dos organismos oficiais, que por sua vocação estão envolvidos, não é coerente; em algumas situações fazem vista grossa e noutras actuam de forma paternalista.

Esta contradição vamo-la encontrando e sofrendo em situações que nos envolvem e que, por isso, conhecemos. No primeiro caso estão pais que procuram ajuda para si e seus filhos, e que a não obtendo, vêm-se obrigados a entregá-los aos avós, até de uma forma oficial. No segundo caso estão, certamente entre outros, rapazes nossos que chegados aos 18 anos de idade, podendo e devendo continuar a viver connosco até à sua autonomia, são convidados por poderes públicos a assumi-la logo, com a oferta de um subsídio para o seu sustento, ou noutros casos, se abre a possibilidade de se constituírem em família, sabendo nós não terem maturidade para isso. Noutras idades, facilita-se o regresso a alguém da família, desde que algum familiar manifeste interesse em receber a criança. A ajuda financeira que isso implica, que é oferecida, é um incentivo para essa mudança tão arriscada e perigosa.

Continua na página 3

CALVÁRIO

Padre Baptista

Coincidências

UMA pobre senhora veio ter comigo para me narrar a sua história recente.

O marido acaba de a por fora de casa com o filho. Ele chegava ao lar sempre embriagado e maltratava-os duramente. Até que, excedendo-se, atira-os para fora de casa.

Um familiar cedeu-lhes uma casa meio arruinada onde pernoitam. Quando chove, servem-se de sacos de plástico para cobrir os leitos.

Fui ver e confirmei tudo. Dei-lhes a ajuda conforme o empreiteiro pedia.

Outra senhora, acompanhada pelo filho adolescente, veio também, que fosse ver a casa onde mora. O marido, muito doente, está de baixa médica e é da sua pensão que vivem os três. A casa é espaçosa, mas o soalho encontra-se esburacado e o telhado mete água, quando chove. Fui ver e dei-lhes ajuda para as obras.

Ao chegar a Casa um senhor esperava-me e apresentou-se.

— Venho aqui para lhe passar um cheque, o que faço com muito gosto.

Ao pegar no cheque, verifico ser a quantia igual às ajudas que dera. Poderia pensar em mera coincidência ou acaso. Mas são tantas as coincidências destas no nosso viver! Por detrás delas, vejo a mão escondida de Deus. Para nós não há acasos.

Em tempos, uma senhora com largas posses apresentou-se e contou-me as suas mágoas. Vivia com uma criada em Gaia, mas adoeceu e a criada despediu-se. Sem grandes forças e amparo recolheu-se num hotel do Porto, onde vivia. Dois irmãos faleceram já, ambos cancerosos. Ela também estava muito adoentada. Sentia a vida sumir-se-lhe e queria partir com a consciência de que fizera algo de bom. Queria dar-me uma ajuda.

— Olhe — disse-lhe — abri hoje uma casa onde coloquei uma doente parálitica que dormia no berço do neto. Ela estava na sua paróquia em Gaia.

— A casa é «minha».

E a senhora passa-me um cheque. Uma semana depois informaram-me que esta boa senhora foi chamada por Deus. São coincidências a mais para o serem simplesmente.

E em nossa Casa elas são tantas!

Pai Américo era um homem de fé profunda. Um dia, no Lar de Lisboa, em reunião dos padres da rua, abre-se connosco e exclama:

«Eu tenho milagres todos os dias nas minhas mãos.»

Para ele não havia acasos, mas certezas. E deixou-nos o recado:

«Os padres da rua só podem crescer e caminhar na medida em que se convençam das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as preguem ao mundo.» □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Encontros de aflições

OS cristãos e todas as pessoas de boa vontade não são chamados a fazer coisas espectaculares, no quotidiano; mas, a agir pelo bem comum, com perseverança. *Para a Igreja, a Caridade não é assistência social, mas é expressão da sua própria essência.* Fazendo o bem, aproximamo-nos do Sumo Bem.

Quando há tantas carências e de vária ordem, quem se lança ao encontro dos Pobres e das misérias, procura ajudar a resolver problemas, sem divagar ao sabor de fábulas. A ajuda e a consolação são sempre necessárias, a todas as pessoas e sociedades.

Quem não precisa dos outros e do Outro, ao longo dos seus dias? Foi num tempo de seca prolongada, em que urgiam e precisámos de nos encontrar com uma mão cheia de aflições, nos arredores da grande cidade, que surgiu do terramoto. Espicaçaram-nos sem tréguas e não adiámos algumas caminhadas em bairros de penúrias e até com barracas.

Se num deles vimos demolições, não perdemos foi de vista um pequenito nosso que tinha ido abraçar seu pai, incapaz de o criar em tal meio. As carências económicas têm deixado muitas habitações às moscas e é um dos factores de quebra da natalidade. Outros povos têm vindo ao nosso encontro, como pequeno País de grande diáspora e acolhimento.

Porque conhecemos as extremas necessidades daquela gente, alegramo-nos em partilhar alimentos tão necessários. E não só; pois, nos disseram assim: — *Fui*

eu que pedi uns sapatos! Queria dos maiores que houvesse; porém, surgiu alguém que, do par, separou o esquerdo do direito... Entre nós, quando se olha para o lado, já a miudagem deixou as alpercatas, para andar com os pés na terra, depois de largar as sacolas das aulas, e até os atacadores levam sumiço.

Com dores na alma, voltámos à carga por aquelas bandas, embora os estranhos sejam logo notados... Foi outra oportunidade para nos encontrarmos com uma mãe aflita e a sua pequenina, de coração enfermo. Pós logo os víveres à cabeça e a filhinha rasgou um sorriso, agarrada a uma caixa de bolachas! Tinham mudado de tugúrio para aquelas ruelas, mas o grito era o mesmo: — *Sou a mãe da menina e preciso de comida...* Sonha regressar ao seu País, onde continuam os conflitos e aumentou a pobreza, para abrigar todos os seus pintainhos. Outrora, o povo da antiga Lei caminhou para a Terra Prometida.

As dificuldades crescentes sufocam-nos nas notícias e sentem-se de facto no terreno, nos olhos de muitas pessoas. Não fiquemos quedos sob nuvens cinzentas, como as do fumo dos incêndios que martirizaram soldados da paz, na estiagem passada. Ainda bem que os céus se decidiram a derramar algumas águas. *Chuvas e orvalhos bendizei o Senhor!*

Entretanto, outra gente contava com a nossa visita, num horizonte vasto de imensas caixas de fósforos, sem vegetação. Obra não é só

betão nem alcatrão...

Meios esfrangalhados, naquele itinerário, eis que encontramos, no cimo de uma ladeira carregada de lixo urbano, um pequeno magrito, com um traumatismo na coluna, limitado nos membros superiores. Seguro por uma jovem mãe, mesmo assim vai caindo facilmente, pois um galo na frente não mente.

Em mais esta peregrinação a santuários de gente viva, já que relíquias são vestígios de santos no céu, regozijámo-nos com as mães que vão dando corajosamente luzes ao mundo.

Por aqueles carreiros e atalhos, alguns de má fama, continuámos nesse bairro, ao encontro de outra mãe numa gruta modesta e arranjadinha. O companheiro deixou-a com um recém-nascido nos braços; e, na angústia, quis-nos logo passar a paternidade de outro rapazito. O nosso Povo não se engana: *Todos se criam!* Jesus não deixou os seus discípulos afastar d'Ele as crianças: *Não as impeçais de vir a Mim, porque delas é o reino dos céus.*

As sociedades regredem quando não cuidam dos mais frágeis como a menina dos seus olhos. Uma das atitudes que mais as transforma é o serviço aos últimos. Quantas pessoas sobrevivem desesperadas, na solidão e na pobreza envergonhada? A Fé reforça-se com os sinais de Amor, mesmo que singelos e insignificantes, a que dermos corpo, *aqui e agora*, devolvendo a esperança aos desalentados.

Quem encontra e conhece angustiados, não pode deixar de viver no seu tempo por uma causa justa. Diante das aflições, não é de ficar nas boas intenções. Com coragem, *a Deus nada é impossível!* □



Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

SÃO PRECISAS MAIS ESCOLAS DE SOLIDARIEDADE — As Conferências Vicentinas são escolas de solidariedade. Por mais defeitos que possam ter, como acontece com as coisas feitas por seres humanos, essa qualidade ninguém lhes tira.

O problema é que são precisas muito mais escolas de solidariedade, sejam elas Conferências Vicentinas ou outras. O País e o resto do mundo precisam muito disso.

Se as houvesse, a nossa economia não teria chegado ao ponto a que chegou. É certo que já pagamos muitos impostos e ainda vêm aí mais, mas também é certo que a coisa está mal distribuída. Se ficasse por cá o muito dinheiro que foge aos impostos e que sai do País, dinheiro esse que não vem, na sua esmagadora percentagem, dos bolsos dos mais Pobres, não teríamos cá a *troika*. O Estado teria o necessário para cumprir com as suas funções de soberania, de acção social e de fomento económico.

Se houvesse nas empresas mais casos como o que vou já relatar, o desemprego não teria chegado ao ponto a que chegou. O caso que visitei, há dias, é o de uma empresa que é a líder nacional no seu ramo. Não perdeu esse lugar, ou melhor, talvez o tenha conquistado e mantido, quando fez coisas como as seguintes:

- admitiu uma surda muda que hoje é a melhor empregada da empresa;
- admitiu uma mãe solteira quando esta tinha 19 anos e andava pelas ruas rejeitada por todos;
- admitiu uma pessoa epiléptica que antes tinha ataques com muita frequência e agora, talvez porque tem um trabalho regular com gente que gosta dela, só tem ataques de 4 em 4 meses, em média.

Esta empresa também já teve que despedir quando instaurou um processo disciplinar a um funcionário, mas este só saiu quando estava garantido um novo emprego.

Falando, agora, para dentro da Igreja, são precisas muitas mais escolas de solidariedade e muito mais gente que dê o exemplo nesta área. Infelizmente em lugares de responsabilidade pastoral, em instituições que dependem da Igreja, incluindo na área social, e em estabelecimentos de ensino da Igreja há gente que cuida principalmente da sua conta bancária. Não pode ser.

A raiz de muitos dos nossos problemas está aqui. Não atiremos as culpas todas para outros.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058

MOÇAMBIQUE

Américo Lucas

Mais uma semana de chuva, a colheita da batata teve que ser interrompida; cortes frequentes de energia, falta de água canalizada, mas há certeza de que teremos um bom ano de chuva.

Tivemos um grupo de quatro médicos da Fundação Barraquer, que durante uma semana, atenderam a mais de quinhentas consultas de oftalmologia e operaram a 160 doentes de cataratas; fizeram a cirurgia a *laser* e recuperaram a visão. Foi uma alegria para os que receberam de volta a visão, os que assistiram e nós que convivemos com eles.

Parabéns ao Telmo, o nosso primeiro Gaiato de Moçambique. Chegou em Outubro de 1991 com o nome, Castigo, achamos que devia chamar-se Telmo, no dia 2 de Outubro será graduado em Odontologia.

O XLI Congresso da Academia do Bacalhau foi um momento de muita alegria para todos nós, participamos em todos os momentos, pois fazemos parte da nossa família. Obrigado a todos os Compadres, nossos *tios*.

Uma grande surpresa, depois de muitos dias sem água, veio uma aventura na cabeça da nossa mãe: abrir um furo perto da mina. Finalmente tivemos sucesso, a 44 metros conseguiram água muito boa. Agora falta fazermos uma grande campanha para pagar o furo que custou 150.000,00mt (cento e cinquenta mil meticais) e, por fim, falta a bomba e a instalação eléctrica.

O nosso agradecimento a todos/as que têm contribuído para o funcionamento da nossa Casa. Estamos contentes, pois o pouco que temos, multiplicamos na esperança de garantir o nosso futuro e o futuro de tantos outros que precisam. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO — Não é demais informar os nossos Amigos e Amigas, para além da grande Família da Obra da Rua, que vamos comemorar a 21 de Outubro, Domingo, em Coimbra, o aniversário natalício do nosso Pai Américo, com uma Eucaristia na Igreja de S. José, pelas 12.00h, presidida pelo Sr. Bispo, seguida de uma simples refeição aberta e um breve espectáculo apresentado pelos Rapazes da nossa Casa. Acontece dois dias antes, pois nasceu a 23 de Outubro, na Casa do Bairro, da freguesia de Galegos, concelho de Penafiel.

AGROPECUÁRIA — Infelizmente, houve vários incêndios na região. Mas, finalmente chegou a chuva! No campo de milho grão, com o calor, as espigas secaram bem e vão ser colhidas. As abóboras que cresceram nesse terreno foram recolhidas, enchendo um atrelado.

CURSOS PROFISSIONAIS — Alguns Rapazes orientaram-se para

cursos mais práticos. O Joaquim foi inscrito no curso de Tratador de Equinos, na Quinta da Conraria.

O Diogo Silva começou um curso de Informática, na Escola do Senhor da Serra.

O Leandro frequenta o curso de Qualidade Ambiental, na Escola Superior Agrária. O André encontra-se a trabalhar numa oficina de automóveis.

ARRANJOS — Há muitas coisas a consertar numa Casa como a nossa; mas faz-se uma de cada vez, ainda por cima nestes tempos difíceis. Assim, concluiu-se o jardim em frente ao salão de festas, reciclando os toros grandes das palmeiras (derrubadas por doença), transformando-as em bancos e mesas. Depois, começou-se a arranjar uma entrada antiga, a poente, com uma floreira e calçada. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro, 43.050 exemplares

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

VINDIMA — Os nossos rapazes acabaram de vindimar a trajadura e a uva preta e guardaram para sábado o loureiro.

No sábado, vieram ajudar os rapazes da vindima um grupo de 75 pessoas que trabalham no Banco *Barclays*, vindos de todas as partes do norte do País. Com eles trouxeram donativos e alimentos para o almoço-convívio. Enquanto se formavam os grupos entres os nossos rapazes e os membros do *Barclays* foram distribuídas *t-shirts* — com o logotipo do Banco na parte da frente e, na parte de trás, o nome da iniciativa, juntamente com o nome Casa do Gaiato — e tesouras para a vindima — com o logótipo do Banco e o logótipo do nosso Jornal estampados na parte de cima.

O Erickson e o Nelson prepararam o caldo verde e o arroz e, juntamente com o Zé Reis, o almoço com os alimentos que os nossos visitantes nos deram. O Ronaldo, o «Dimas» e o Hugo Pina prepararam o refeitório.

No fim da vindima, os rapazes e alguns dos nossos amigos estiveram a ajudar a preparar os pratos e, depois do almoço, fomos todos tomar um café ao nosso bar. De seguida, os nossos amigos deram uma volta pela Aldeia na companhia do Zé Reis e do Rui.

Mais de sessenta fizeram-se d'O GAIATO.

Muito obrigado pela visita, pelo convívio e amizade.

EMPREGOS — Temos três rapazes que neste momento estão à procura de emprego e, como bem sabemos, não é nada fácil para ninguém. Por isso, peço aos amigos: se souberem de algum emprego contactem-nos. Os rapazes têm cursos nas áreas da Carpintaria, da Pastelaria e da Panificação. Há ainda um outro com curso de Hotelaria: se, por acaso, souberem de algum trabalho

nestas áreas, desde já agradecemos. Se não, como Gaiatos que somos, aprendemos a fazer um pouco de tudo e se souberem de algo compatível com as tarefas da vida em Casa, também nos podem avisar.

Muito obrigado pela atenção.

NOVOS RAPAZES — Temos conosco dois novos rapazes: O Bruno, que chegou a meio do terceiro turno de férias, foi passar alguns dias à nossa praia. Neste momento — já se passou um mês — está melhor integrado nas normas da Casa e tem mostrado disponibilidade para ajudar as Senhoras.

Há poucos dias, chegou-nos o Ruben, vindo de Setúbal.

CASAS — A nossa cozinheira, D. Fátima, juntamente com o «Guga», prepararam os marmelos que nos deram e fizeram uma saborosa marmelada, que tem sido excelente ao pequeno-almoço.

Esta semana acabou-se-nos o pão que nos oferecem. Então, a nossa cozinheira e o Nelson fizeram pão no nosso forno e ainda fizeram pão com paio que nos tinham dado e regalaram os rapazes.

José Reis

DESPORTO — Começou a época desportiva 2012/2013. No primeiro treino apareceram todos..., apareceram aqueles que gostam de trabalhar, de colaborar, de praticar desporto; apareceram aqueles que gostam de cuidar da saúde e deles mesmo. Para gostarmos dos outros, é necessário gostarmos primeiro de nós!

Temos todas as condições para voltar a fazer uma época como deve ser. O campo, o nosso Padre Júlio, já está a tratar de lhe por um piso novo. Agora, é preciso que apareça uma alma caridosa que nos ofereça uns bons pares de

chuteiras. Como de hora em hora, Deus melhora, ainda não perdemos a esperança de que tudo se vai resolver. Eu sei que estamos no tempo das «vacas magras», mas uma migalha a cada um, pode fazer muitos Rapazes felizes!

Pela parte que nos toca, vamos continuar a trabalhar e dar força a todos aqueles que tudo fazem para não se deixarem iludir pelos que preferem não fazer nada...! Haja bom senso! Uma coisa é certa, sem humildade e consciência de que os treinos são necessários, fazendo neles o que tem que ser feito, não é possível haver jogos. Eles só abrandaarão quando a equipa estiver mais ou menos afinadinha. Eu sei que todos estamos mais «gordinhos» e «molengões», (e alguns até mais refilões...), mas isso, a nossa mata e o tempo... encarregar-se-ão de pôr tudo no seu devido lugar.

Temos muito trabalho pela frente; temos Rapazes novos a inserir na equipa e tudo isto, não se faz de um dia para o outro. Uma coisa é certa: a palavra desistir... tem que estar sanada na cabeça de cada um de nós. Não por causa deste ou daquele, mas sim pelo Grupo Desportivo. Tem que haver mais garra, mais alegria, mais vontade de jogar e de trabalhar; e, sobretudo, mais humildade e ter a consciência de que um treino ou um jogo não pode, nem deve, ser encarado como uma brincadeira na hora do recreio. Ai! tempos... que já lá vão e começam a deixar saudades e eu não queria!

Antes de terminar, e como este é o primeiro apontamento da época, aqui fica o desafio: *espero que os Rapazes de Miranda do Corvo e de Setúbal, também se preparem para este ano — se todos estiverem de acordo — se realizar o tão apetecível Inter-Casas*. É bom para todos.

Alberto («Resende»)

BENGUELA

Pierre Daniel

Que maravilha!

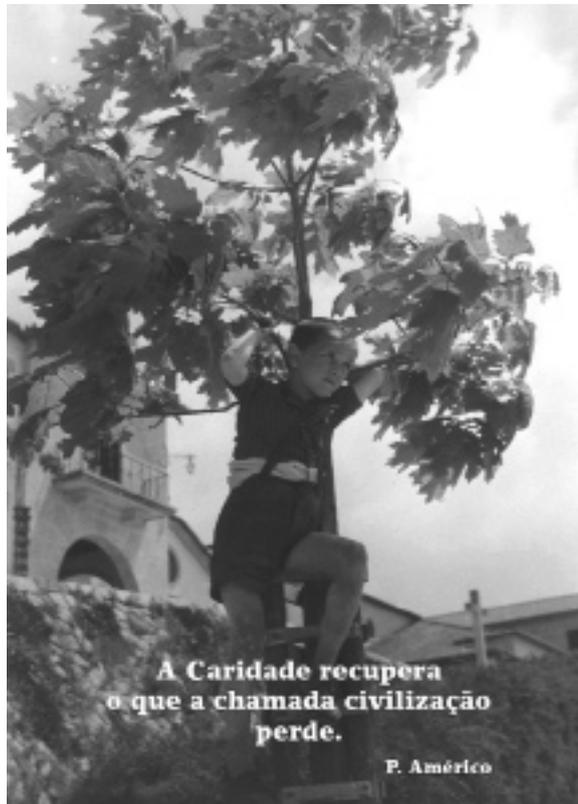
«Quem receber um destes meninos em meu Nome é a Mim que recebe; e quem Me receber, não me recebe a Mim, mas Àquele que Me enviou.»

Apego-me a estas palavras de S. Marcos para salientar que da boca das crianças saem os louvores do

coração e, desta feita, há menos de cinco meses, nasceu, entre nós, o nosso irmão «cassule», o Joãozinho, como carinhosamente o chamamos. Tem cinco anos. Nos seus primeiros dias, no seio da nossa família, o Joãozinho só conhecia praticamente a irmã Teresa. Claro, era a mãe que

enxugava as lágrimas do seu rosto. Agora, já é popular e aculturado com alguns rituais típicos das brincadeiras dos «Batatinhas», como é natural. Frequenta a Creche e, para o próximo ano, já vai para a Escola. Doutra modo, ficaria abandonado. Que maravilha! □

POSTAIS – COLECÇÃO «PENSAMENTOS» DE PAI AMÉRICO...



Conforme demos à estampa, na quinzena passada, está pronta a colecção dos postais que designámos por: *Colecção «Pensamentos» de Pai Américo — Comemorativa dos 125 anos do seu nascimento*, para assinalar o evento.

O exemplar aqui mostrado, tem o formato de 145x105mm, foi impressa em cartolina *Brindakote*; é de um grupo constituído por 56 pensamentos com fotografias das nossas Casas, devidamente referenciadas no verso, onde consta, também, o respectivo espaço para o endereçamento CTT e escrita de pequena mensagem.

O segundo grupo, no formato 114x166mm, é constituído por 8 postais, reservam o interior à escrita e no contra-rostro está impresso o *Pensamento*. Foi impresso em cartolina *Truncard* com brilho.

Já recebemos alguns pedidos de colecções completas e os nossos rapazes da Administração começarão, em breve, a satisfazê-los.

Lembramos que os pedidos devem ser dirigidos à nossa Editorial da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa; através do telefone 255 752 285; por e-mail: obradarua@iol.pt; e ainda pelo nosso *site* www.obradarua.org.pt — assim como os pedidos de trabalhos tipográficos que os nossos Amigos queiram mandar fazer, para os quais elaboraremos o nosso melhor orçamento.

Júlio A. B. Fernandes

BENGUELA

Padre Manuel António

«Quem é o maior entre nós?»

QUEM é o mais importante? Foi a pergunta que os discípulos do Mestre fizeram. Vivemos numa sociedade competitiva. Desde pequenos, a ideia do sucesso na vida está ligada à beleza, ao ser inteligente, à riqueza, etc. O gesto da mãe que tem dois ou mais filhos e dedica maior atenção e um amor maior ao mais fraco, doente, mostra-nos quem deve ocupar os primeiros lugares na nossa vida. O maior é aquele que serve os seus irmãos, a começar pelos mais necessitados. É aquele que põe ao serviço dos outros a riqueza dos seus dons, como símbolo da sua própria vida. Quem dera esta mentalidade entrasse nas nossas vidas. Será uma autêntica revolução pacífica a gerar um mundo novo. É uma operação lenta, mas eficaz. Começa pelo espaço social em que vivemos. Os pais dediquem-se, sem reserva, aos seus filhos. Primeiro, está o amor entre marido e mulher, de tal modo que sejam «uma só carne». Os pais serão, na verdade, os maiores para os seus filhos, na medida em que os servem com um amor sábio. Esta doação não se esgota dentro das portas fechadas do lar. A família será uma porta aberta aos que mais necessitam, estejam perto, ou mais longe. Eis um coração grande! Os mais importantes são os que têm o coração grande para servir, ajudando até à medida das suas possibilidades. Quem dera este princípio anime, sem excepção, os que estão constituídos em autoridade. Deste

modo, a riqueza dum Nação não circularia por circuitos fechados, mas chegaria à mesa da mãe terra para que todos os seus filhos participassem dela. Estes são os maiores. São os mais importantes.

Chegam-nos muitos pedidos de ajuda para a construção de casinhas humildes, com o mínimo de dignidade. São pessoas que, antes, viviam em cubatas, amontoadas. Vamos ajudando, na medida do possível. Porém, as dificuldades são muito grandes, devido aos compromissos com as centenas de pessoas que vivem, diariamente, dependentes de nós. A Esperança diz-nos que, na hora precisa, não faltará o necessário. Por isso, caminhamos de cabeça erguida e coração levantado, com os olhos postos nos vossos corações. Os problemas da nossa vida, como acontece com a vida dos pais, são variados. Há momentos, um casal veio falar-me do perigo da droga que está, também, a bater à nossa porta. Estamos, como costuma dizer-se, na boca do lobo. Os bairros cercam a nossa Casa. Somos Porta Aberta. As influências boas entram. As más também podem entrar. A segurança e a defesa estão na consciência de cada um. A educação é um serviço de amor, no qual a paciência e a mansidão, de mãos dadas com a firmeza, exige perseverança. Vamos estar cada vez mais atentos. A forma mais eficaz de enfrentar estes perigos está no compromisso dos outros irmãos que vivem jun-

tos e podem ajudar no caminho do bem os que estão prestes a cair ou já caíram. É a dinâmica participativa em movimento.

Ontem, precisamente, na nossa reunião dos chefes fomos ao encontro desta vivência corresponsável. Serão tanto mais importantes, como pessoas, na nossa comunidade, quanto mais servirem os seus irmãos. O maior entre todos é aquele que serve mais os outros. Não é fácil esta conduta. A força do egoísmo, da indiferença, do comodismo, é muito grande. Acontece em todos os graus da vida social. Quem dera nos deixemos invadir pela torrente viva da generosidade! Não seria possível levar por diante a nossa Casa, na dimensão humana e material, sem a força escondida nos gestos de amor dos de dentro — os rapazes mais comprometidos, mais conscientes — e dos de fora, que sois vós que nos acompanhais. Há dias, dois representantes dum empresa vieram, propositadamente, conhecer os pontos principais do projecto da nossa Casa do Gaiato. Querem ajudar. Levaram a síntese das necessidades mais urgentes. Sem esta participação não podemos avançar. Oxalá as promessas não caiam em saco roto. A recuperação das residências dos rapazes pedem urgência. Vamos esperar.

O Infantário e a Creche dos mais pequeninos, desde os bebés, ao cuidado amoroso das Irmãs Cooperadoras Paroquiais, continua a revelar a grandeza dos corações que dão a vida por amor, a servir. É a herança preciosa das criancinhas que, doutro modo, ficariam longe da fogueira do amor. São as crianças mais bonitas! Guardai-as, como um tesouro, nos vossos corações. □

SETÚBAL

Padre Acílio

José Columbano

Assinado pelo Director da Escola e carimbado com o timbre da mesma, recebi um convite para assistir a uma sessão pública da entrega de diplomas e prémios de mérito aos alunos que se distinguiram no ano lectivo 2011/2012, entre os quais se inclui o José Columbano, reconhecido e valorizado pelo seu mérito, sua dedicação, esforço no trabalho e desempenho escolar.

O prémio dos filhos sempre foi, e será, a alegria dos pais. Esta verificação é tão velha como a humanidade e tão nova que a acompanhará sempre.

O José foi chefe da casa 3 e continua responsável pela sala dos computadores que os rapazes frequentam para se treinarem, para o estudo através da *internet* e comunicarem com os seus amigos e professores. A sala tem de estar limpa, em ordem e os computadores livres de jogos e em boas condições sem que alguém surrupie qualquer componente, para vender ou dar aos colegas da Escola, não gaiatos.

É uma responsabilidade vasta porque os rapazes são muitos e os computadores também.

No final das férias grandes damos sempre uma volta, a miúdo, à casa da Arrábida e uma limpeza a fundo. Procuramos que aquela instância seja mantida segundo as leis do Reino de Deus, que Jesus pregou e realizou à imagem de toda a nossa Obra.

Este Reino é comparável a uma grande rede que, lançada ao mar, apanha não só peixes bons, mas, também, coisas que não prestam. Surge aqui um trabalho que consiste em escolher o peixe e deitar fora o lixo.

Aquela casa não tem serviços porque o Evangelho é servir. Ao longo do ano são muitos os grupos que no-la pedem. Tudo fica à sua disposição: cozinha, louças, mobílias, salas, capela, quartos e camas. Tudo deve ser tratado com carinho e se alguma coisa se estraga, deve ser assumida por quem a danificou e pelo responsável do grupo. Mas... nem sempre assim acontece. Então?! Que fazer? **Continuar decididamente com a sabedoria do Reino. Reparar e insistir na firmeza do mesmo ideal. Assim se prega o Evangelho.**

Vêm os carpinteiros, os canalizadores, os pintores e, atrás deles, a limpeza.

No fim do segundo grupo de férias dos mais velhos, nos últimos dias de Agosto, pergunta-se: *Quem quer ficar para a limpeza?* Poucos se oferecem. O trabalho, nesta mentalidade corrompida, transformou-se numa actividade pouco apetecível. O José sempre pronto, generoso e educado com as Senhoras e quem comanda.

Encheu-me de júbilo o reconhecimento da Escola onde ele frequenta o 12º ano por ser ao mesmo tempo também a verificação de um método educativo de valor, implementado e mantido na Casa do Gaiato.

Sem técnicos, sem acordos com o Estado, sem alaridos nos jornais e poderosos meios de Comunicação Social, humildemente, silenciosamente, colocamos alguns dos nossos rapazes entre os melhores, no meio de milhares de alunos.

O José quer ser arquitecto. Não sei se não terá de mudar a agulha do seu ideal, pois o trabalho dos arquitectos, entre nós, se não acabou, tem um futuro muito apertado. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

É perfeitamente injusto este tratamento, porque se no primeiro caso quem recorre à ajuda necessita de apoio económico como meio para salvar a família, mas não o recebe, no segundo não necessitam dele porque dispõem de todas as condições para crescer e se formarem, junto de nós, e no entanto é-lhes oferecido. A desistência de um dos nossos rapazes de um desses convites para a autonomia, que lhe foi feito, confirma isto mesmo, pois viu a tempo o erro que ia cometer.

Decerto que são muitos mais os casos de famílias a precisar de apoio do que as situações descritas em segundo lugar. Por tal motivo é fácil facilitar estes casos e difícil resolver aqueles. Embora haja custos, eles são justificados pela mentalidade dominante neste sector, que considera ser melhor estar uma criança numa má família do que numa boa instituição. Esta, por muito boa que seja, é tida sempre como desprezível e um recurso indesejável, tratada como um agente social servil e destituído de opinião, sem valor de facto para o presente e futuro da vida da criança que acolhe. O caso concreto de uma avó, cujo amor pelos netos não se põe em causa, teve esse laço afectivo considerado de maior valor que tudo aquilo que lhes demos durante mais de meia dúzia de anos, a pedido da mesma e com forma legal, e que continuaríamos a dar caso o bom senso o permitisse. Outros valores se entrepuseram.

Pelo fruto se conhece a árvore, uma máxima que Cristo nos ensinou pela qual sabemos que os bons frutos provêm das boas árvores. Importa aproveitá-las e deixá-las produzir, aplicando os recursos disponíveis naquelas que podendo, não os produzem por falta de meios.

Ficaria por aqui se não viesse uma avó pedir para falar e pedir para as suas netas. Com os pais em situação difícil, estão a alimentar-se do que lhes arranjam em contentores de um hipermercado. Só pediu alimentos... □

O OLHAR DE JESUS

Padre João

NESTE Ano da Fé proclamado por Bento XVI, o convite é mesmo este: «para uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo». Trata-se de uma ocasião excelente para recen-trar o nosso olhar em Jesus. A fé n'Ele é uma questão que tem a ver com o nosso olhar purificado: «Hão-de olhar para Aquele que transpassaram». As ocasiões desta conversão serão imensas, obra da Graça, sempre. O Senhor anda por aí, “disfarçado” em apelos e vivo em pessoas. E os pequenos, carentes de «ter», principalmente de «ser», nem sempre colocados «no meio» das prioridades — são um desafio a redescobri-IO.

Num destes sábados de verão, “assisti” a um casamento que em nome da Igreja abençoei. Os noivos, dois jovens, ela das terras do norte e ele das planícies de «aquém-Tejo». Ela, católica praticante, baptizada. Ele, um não-baptizado, catecúmeno, portanto. Para uma celebração destas a Igreja desenvolve um processo próprio e prevê uma celebração especial tal com está descrita no Ritual Romano para o Sacramento do Matrimónio.

À hora aprazada, o noivo, pontual. Eu já estava sentado junto ao altar, aguardando, não no lugar da presidência... Ao transpor a capela-mor o noivo indiciava algum embaraço no olhar; percebia-se que o lugar onde se encontrava lhe era pouco familiar, até algo estranho. Contudo e, de forma reverente, fez uma profunda inclinação ao altar com ligeira inclinação para o Sacerdote. Fiquei surpreendido. Percebi eu que estava diante de

uma pessoa humilde... «meio caminho» para uma boa recepção de qualquer sacramento. Com as devidas distâncias, tal atitude humilde, só me fez recordar o gesto do centurião romano ao pedir a Jesus a cura do seu servo doente — que muito estimava: «Senhor eu não sou digno...». Respon-di com um olhar de cordialidade pastoral enquanto rezava aquela passagem evangélica de João em que Nicodemos pergunta a Jesus: «Como pode um homem nascer de novo?...» Pouco depois entrou a noiva. De olhar fitado nos dois; um olhar interior, pastoral e visivelmente bem impressionado, dei comigo a pensar nas razões que levam tantos casais à separação... À minha frente, bem rentinho ao altar do Senhor, sentia nestes jovens um «remar contra a maré»; uma promessa de fidelidade de Jesus e a Jesus que a vida, certamente, há-de pôr à prova. Mas a vitória é d'Ele — «Não tenham medo!» — conclui eu, exortando ambos a confiar n'Ele.

Já na sacristia à volta das assinaturas da Acta e do Livro de Registos, não deixei de lançar um desafio de alma: «Para quando o Baptismo?» Voltando-me para a esposa e outros familiares, acrescentei: «Trabalho de casa...» Resposta pronta: «É o senhor padre é que o virá baptizar!...» Vou estar atento! Entretanto a semente está lançada. Também assim o Ano da Fé — um incentivo à Nova Evangelização, tão actual e necessária como nos recomendava João Paulo II: «Nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões». □

que deve ser assumida: pelos indivíduos e pelas empresas.

Na medida em que os empresários, de qualquer tipo de empresas, se abrirem à dimensão social dos mais carenciados, mais firmes serão os alicerces das suas empresas.

Assim, digo eu, que a Caridade é um bem que tem a sua profundidade na Fé. Quem faz a experiência de ser amado por Deus, é chamado a amar o próximo. Jesus viveu a pobreza desde a Sua encarnação — e proximidade com os últimos. □

MALANJE

David

Neste período de férias, os mais novos têm aproveitado o tempo, pela manhã, na escola, revendo a matéria com os mais velhos e, também, com ajuda da professora de explicação; durante a tarde, os mais novos varrem o quintal e aproveitam o resto do dia para descarregar a energia jogando a bola até à hora do Terço.

Estou a escrever-vos à luz brilhante dos *pães milagres* que matou a fome

a milhares de pessoas. O mundo novo nasce, quando pessoas promovem relações de partilha dos próprios bens, da possibilidade ao seu alcance. Quem dera? O gesto generoso dum homem ou de uma mulher que oferece do fruto do seu trabalho, é hoje o caminho a seguir para resolver os problemas da fome no mundo. Parece impossível, mas é o princípio certo. Sem esforço e colaboração, reina a miséria. É uma causa válida

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HOJE foi Domingo. Em nossa Casa todos os dias o são. Para falar fixei-me apenas no Evangelho em que Jesus tenta ensinar os discípulos e os previne que vão descer a Jerusalém e aí será preso e morto, mas que há-de ressuscitar três dias depois. Eles nada entenderam e preocuparam-se apenas em discutir entre si acerca dos primeiros lugares no reino do mestre. Quando chegaram a casa pegou numa criança que aconchegou a si e depois de os censurar pela única preocupação que tiveram durante o caminho, diz-lhes: patetas, quem quiser ser o primeiro, será o último e o servo de todos.

Isto tem muito que se lhe diga, mas para mim, só vinha a propósito. Ele quer ensinar-los e eles não entenderam nada, nem sequer interrogá-lo. Por isso de doze só se aproveitaram onze. De duzentos e seis que temos ao nosso cuidado dá para refletir muito e fazê-los refletir. Há dezassete, pelo menos, que não vão aproveitar-se. E quem são eles? Aqueles que não querem nem a promoção escolar, nem a formação humana e cristã que em Casa é uma preocupação constante. Alguns poderiam até já ser apontados a dedo, mas nada de julgar cada um, porque todos estão a tempo de mudar. Aqueles que ainda não adquiriram o sentido da responsabilidade no cumprir as suas tarefas

e no exemplo a dar as mais novos. Aqueles que ainda não têm impresso na alma o sentido da justiça e se desmandam com os colegas. Os que se servem da força e não da doçura para exigir dos mais novos seja o que for. Os que não são capazes de acarinhar os mais pequeninos.

Há que educar a vontade. Quem a não tem, perde todas as oportunidades; quem a tem vence todas as dificuldades. Como damos importância a isto, pondo no refeitório ao lado de um mais velho, um dos mais pequeninos, para que pegue nele ao colo se chora, para ver se é uma urgência ou um birrazinha. Há dias uma monitora da Escolinha, menos avisada, não atendeu um pequenino e eles vieram contar: primeiro fez chichi, depois saiu cocó e assim veio para o refeitório com necessidades satisfeitas e só ali o que o acolhe à mesa deu conta e foi lavá-lo e vestir-lhe outra roupa. Como dá certa a pedagogia de Pai Américo! Quem ousa contestá-la?

Vivemos uma semana, atropelados pelos acontecimentos. A chuva tão benéfica para as culturas fez avarias nos transformadores, nos geradores de recurso, no material dos quadros, nos cabos subterrâneos e finalmente nas bombas de água. Já tínhamos uma e ficaram três queimadas. As duas mais importantes do campo deixaram-nos sem água para os animais. E enquanto funcionaram

trazíamos para casa, com os tractores, dois tanques de água. Um para a cozinha outro para as casas e lavandaria. A aflição é grande. Mas foi também uma hora de luz. Sem ter com que pagar, resolvemos fazer um furo perto de um poço já começado há dois anos, mas nunca concluído porque o compressor velho, como era, avariou e nunca houve dinheiro para peças. Sabíamos que estava a chegar alguma ajuda de amigos de Portugal. O furo foi a 44 metros com um caudal pelo menos de oito metros cúbicos hora e tão boa como a Água da Naamacha, dito por quem abriu os furos para essa empresa. Ainda não recebemos os dados técnicos, ainda não recebemos o dinheiro. O Banco ainda não lançou na nossa conta. E já lá vão quase duas semanas que fomos prevenidos. Três mil euros andam por lá e nós em seco. Porque só havemos de queixar-nos da crise se tudo passa pelos bancos. Amanhã vai ser o dia passado no banco, porque parece que todo o segredo está dentro da boca de quem lá manda. Estamos fartos do banco. Os primeiros deste mundo não servem e não cabem nos planos de Deus. Eu fico a tremer. A linguagem do Evangelho não falha «e se falhasse, teríamos de rasgar o Evangelho», como disse Pai Américo.

A nossa conta na África do Sul: Casa do Gaiato Charity Boksburg Branch (450142) n.º 4500203486. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

SERÁ inconveniente ou mesmo prejudicial pôr aqui, no *Património*, os sentimentos que irresistivelmente me dominam? É que não falo dos Pobres em geral, mas daqueles cuja vida concretamente conheço e me faz arrepiar. Como é possível viver?

Era já a segunda ou terceira vez que me procurava. A cara era minha conhecida e eu estava sobrecarregado com o programa suposto para aquela manhã. E... friamente, porque era já uma fila de mulheres à espera para falar comigo: — *Eu quero só dar uma palavrinha.*

Perguntei: — O que me quer? É dinheiro? Eu não tenho.

— *Não, aceite só uma palavrinha.*

Um corpo de mulher muito franzino. Olheiras fundas e uma cor anémica aqueceu a minha tibieza.

— Entre lá e sente-se.

— *Já aqui vim. Já me ajudou, mas eu não tenho a quem me socorrer. Sou cancerosa. O meu cabelo já me caiu, voltou a nascer, mas o cancro está a generalizar-se. O médico receitou-me agora uma quimioterapia oral, que me tira as forças, não põe o cabelo abaixo, mas também não o deixa crescer.*

Olho a senhora e a sua cabeça parece a de um rapaz pequeno.

— *Tenho duas filhas, já jovezinhas e o meu marido, pintor de construção civil, não arranja trabalho. Há quatro meses que vivemos do rendimento de inserção social — 325€ — e pagamos quase isso da renda de casa. Devo dois meses e o senhorio começa a ameaçar-me com a rua. A quimioterapia enrijece-me as articulações dos joelhos e estou a perder a capacidade de andar.*

Contemplava aquela figura de mulher, mãe e esposa, e dentro de mim, com a compaixão surgiu um misto de revolta, de impotência e amargura. Obrigava-me a uma reflexão que me lavava a alma e me dava forças para atender quantas faziam fila para me darem a *palavrinha* e receberem algum conforto e ajuda!

— O seu marido tem de arranjar trabalho e aprender outro ofício. Vocês não podem viver assim. A esperança morre e o desespero é a pior das situações em que podemos cair.

Paguei-lhe um mês da renda da casa e mandei-lhe encher os sacos de alimentos, mas ela ficou dentro de mim, com todo o martírio da sua vida!

Meu Deus como é possível, tão forte indiferença de gente que vive bem e tão pouco senso dos nossos políticos a exibirem-se arrogantemente, em grandes carros e sempre prontos a dizerem só o que lhes convém, e a enganar o resto do Povo que ainda não tem capacidade discernível.

A seguir outra, com o senhorio à perna e a ameaça de rua. Desemprego do marido e dela, dois filhos a seu cargo e eu, rasgado coração pela cancerosa, ouço, acolho, sofro e choro esta terrível desdita em que caem os Pobres, vítimas de mentiras de quem, ao longo de décadas, em vez de governar o País e a Pátria, se têm governado impunemente a si próprios!...

Segue outra com uma criança pela mão a quem já paguei a mensalidade do infantário. Não lhe aceitam o filho se não saldar a dívida mais a inscrição do novo ano. Eu sei que há gente desgovernada, exploradora, sempre à cata de quem lhes pague as dívidas, mas não é este o caso e dou comigo, dorido, a passar um cheque a uma instituição católica, para que uma criança possa usufruir o bem mínimo de uma Creche.

Continuo com outra, vestida de negro, com uma filha de doze anos da sua altura a quem a Câmara deu uma casa. Só tem um fogão e uma enxerga velha. Pedia mobílias para a sua morada e um frigorífico. Dois dias após, mobilámos-lhe a casa, demos-lhe um frigorífico e uma televisão que fomos buscar a Sesimbra. É uma família — como se diz neste tempo de triste modernidade — monoparental. Duas meninas e a mãe. Foram vítimas de violência doméstica e obrigadas a fugir de casa e recolhidas, em abrigo designado, na cidade do Porto, durante três anos, regressando, agora, à sua terra, com um aparelho electrónico na mala o qual acusa a proximidade do antigo agressor.

A mãe, uma mulher nova, não sabe ler. Eram acompanhadas por uma família humilde, amiga da Casa do Gaiato, que a certificava e com ela chorava: — *Veja o que pode fazer!*

Apresentava-me uma folha branca escrita a computador onde se exigia o pagamento de 1.495,59€ à empresa que lhe fornecera a água e ela, a mãe, para ter água em casa e ter sido a titular do contrato, era obrigada a saldar a referida dívida em dez prestações. O companheiro agressor, que a gastou, não é obrigado a nada. A empresa fornecedora que lhe devia ter cortado a água ao fim de dois a três meses, não o fez e, agora, vem sobre ela, exigindo o pagamento do precioso líquido, os custos judiciais e as despesas administrativas. Uma quantia assombrosa para quem recebe tão pouco: 335€ mensais. Também a ajudei com uma prestação e dois meses de água.

Se eu tivesse um jurista à minha disposição, havia de lhe dar que fazer. Assim choro com os Pobres!... □

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO

(Galegos - Penafiel, 23-10-1887)

CELEBRAÇÃO EM COIMBRA

21 de Outubro de 2012 – Domingo

- 12.00h - Celebração Eucarística, na Igreja de S. José, em Coimbra, presidida pelo Sr. Bispo D. Virgílio Antunes.
- 13.00h - Convívio aberto, no salão paroquial.
- 14.00h - Actuação dos Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo □

MALANJE

Padre Rafael

«**A** JUDAS-ME a preparar um pouco de vime...», um bom pretexto para podermos falar, a sós, sobre como andavam as coisas. Ao ver a expressão do seu olhar e o seu enorme sorriso, dei-me conta de que as coisas tinham mudado. «*Sabes, Rafa, afinal não vamos fechar a casa de Añón. Esta casa é uma referência para muitas pessoas — é uma família...*» Não me foi difícil entendê-la: uma família unida por laços que não são da carne... mistério que se faz visível só para quem o partilha.

«*Já não vamos ter meninos; agora, dedicar-nos-emos a mulheres jovens que têm grandes dificuldades por serem mães muito novas... Novo projecto, novas pessoas*». Eu vi nela aquele amor que nunca se apaga. Ao que parece, os últimos anos foram muito complicados, a ponto de pensar fechar a casa. Problemas internos e com as instituições de menores, não são fáceis de ultrapassar. No ano passado, ela estava totalmente desanimada por tantos problemas que, como tantas vezes, só um milagre pode resolvê-los.

Sempre vi na casa de Añón uma pequenina Casa do Gaiato, onde o amor com rosto de mãe sai pelos poros da pele. Durante anos, havia um padre que vivia na casa; agora encontram-se órfãos de pai. O ano passado convidei-a a vir a Angola, pois que aqui, aos nossos mais pequeninos, falta um amor de mãe. Porém, hoje, sinto-me feliz por saber que a casa de Añón continua com as portas abertas para receber tanto sofrimento.

Quem nos dera a capacidade de poder mudar, transformar... sem perder o essencial. As nossas Casas de Portugal estão quase sem meninos e me pergunto se há pessoas que ficam na esquina das ruas à espera de um Padre Américo que as cubra com a sua capa e lhes ofereça o calor de uma família que a sociedade lhes negou.

Quando visito Añón, sinto-me como em casa. Apesar da distância, respira-se o mesmo ar, despertam-se os mesmos sentimentos; parece-me que escuto o silêncio de África. Quando saio, sinto grande vontade de regressar a Malanje.

Há pessoas que são capazes de mudar um pouco do mundo e são as mais admiradas, mas esquecemo-nos que há outras pessoas que estão por detrás dessas — para que tudo isso seja possível.

«*Bom, já é suficiente, Rafa, com todo este vime já tenho para a semana inteira...*» Que bem nos faz encontrarmo-nos com pessoas que nos fazem falar conosco mesmo sem temores, ressentimentos... que nos ensinam a nos amarmos simplesmente como somos e, depois, nos recordam que somos livres para amar.

Oxalá que tudo corra bem neste novo caminho e que nunca nos faltem essas mulheres que escolhem fazer-se mães para aqueles que renascem, por amor aos Pobres.

Perdoa que não te tenha dito no princípio: Seu nome é Lúcia. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Senhor vivo do Evangelho: aquela Luz que o ceguinho de Jericó pedia e recebeu, essa seja a Luz que guie as minhas passadas no amor aos Pobres do mundo; e me dê o apetite de os servir cada vez mais e melhor.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.